

PONTIFICIA UNIVERSITAS LATERANENSIS
ACADEMIA ALFONSIANA
INSTITUTUM SUPERIUS THEOLOGIAE MORALIS

Divo DE CONTO

**O AMOR NO MAGISTÉRIO DO PAPA BENTO XVI
E DO PAPA FRANCISCO:
FUNDAMENTAIS PERSPECTIVAS TEOLÓGICO-ÉTICAS E OS
SEUS SIGNIFICADOS PARA UMA PROPOSTA CRISTÃ DA
SEXUALIDADE NO BRASIL**

PUBLICICE DEFENDET DISSERTATIONEM

Coram Proff.

Prof. Dr. Antonio Gerardo Fidalgo CSsR (Praeses)

Prof. Dr. Sabatino Majorano CSsR

Prof. Dr. Márcio Fabri dos Anjos CSsR

ROMAE, FERIA III, 3 NOVEMBRIS 2015

Oração

Em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo. Amém.

Caros irmãos e irmãs, invoquemos, juntos, o Espírito Santo:

“Vinde Espírito Criador, a nossa alma visitai e enchei os corações com vossos dons celestiais. Vós sois chamado o Intercessor de Deus excelso dom sem par, a fonte viva, o fogo, o amor, a unção divina e salutar. Sois o doador dos sete dons e sois poder na mão do Pai, por Ele prometido a nós, por nós seus feitos proclamai. A nossa mente iluminai, os corações enchei de amor. Nossa fraqueza encorajai, qual força eterna e protetor. Nosso inimigo repeli, e concedei-nos a vossa paz, se pela graça nos guiais, o mal deixamos para trás. Ao Pai e ao Filho Salvador, por vós possamos conhecer que procedeis do Seu amor, fazei-nos sempre firmes crer. Amém!”.

Apresentação

O objetivo desta pesquisa é apresentar fundamentais perspectivas teológico-éticas do amor no Magistério do Papa Bento XVI e do Papa Francisco e os seus significados para uma proposta cristã da sexualidade no Brasil. O amor é um tema de grande relevância para o ser humano, presente em sua vida e indispensável à sua integração e à sua realização. Embora nem sempre se compreenda a sua origem e a sua natureza, desde o momento de sua concepção até o seu descanso final, ele busca amar e ser amado. Entender melhor essa dinâmica para vivê-la de maneira adequada surgiu inicialmente como uma exigência profundamente antropológica.

Contudo, o amor exerce também uma influência em quase todas as instituições religiosas do mundo, sobretudo da religião cristã que tem como núcleo central de fé, o amor de Deus manifestado em Jesus Cristo e derramado em nossos corações pelo Espírito Santo. Na visão bíblico-cristã, Deus se revela como Amor, origem e destino do amor, que por amor criou o ser humano e, movido por amor, o busca para oferecer esse dom que torna a vida feliz e eterna. A Escritura ressalta a ligação entre o mistério do homem, que procura ser amado e amar, e o mistério de Deus, que é Amor e que por amor o criou e o procura. No amor, não só se dá e se fortalece a ligação entre o homem e Deus, mas também os vínculos entre os homens.

O amor, inicialmente *eros* ou impulso, paixão ou desejo, impõe-se ao ser humano movendo-lhe em direção ao outro na busca da felicidade, que se dá no encontro e na doação recíproca. Na história do pensamento

ocidental nem sempre se ressaltou a ligação do amor humano com o divino nem a possibilidade real de uma autêntica experiência de amor. A redução do amor ao *eros* ou a sua negação é sempre um obstáculo para que o ser humano possa fazer uma experiência autêntica e madura do amor. Porém, o amor *eros* por mais que se imponha à natureza humana, é passível de interpretações e de transformações diversas, confusas e, às vezes, contraditórias, porque não se elimina a decisão pessoal e a influência social nas suas manifestações concretas.

Além disso, o amor apresenta-se como um fenômeno cotidiano da vida das pessoas. É muito difícil encontrar alguém que não tenha experiências positivas ou negativas do amor para contar. Essas experiências se originam sobretudo dos relacionamentos estabelecidos durante a vida: no ambiente familiar, com os pais, irmãos, esposos, filhos e parentes; no ambiente social, com colegas, amigos e namorados; no ambiente religioso, com Deus, Igreja e próximo, etc. Ouvir essas experiências e orientar as pessoas envolvidas sempre ocuparam a centralidade do ministério presbiteral no Brasil.

Na busca de compreender a gênese, a natureza, o desenvolvimento e a finalidade do amor na vida humana, e as possíveis relações existentes entre o amor humano e divino, o Magistério da Igreja, como intérprete autorizado da Escritura, tem oferecido uma grande contribuição. Embora tenha sido objeto de reflexão desde os primeiros cristãos e os Padres da Igreja, em nossos dias o Magistério de Bento XVI, que dedicou ao tema duas encíclicas, e o Magistério de Francisco, que o propôs como critério de reforma da pessoa e da Igreja, criaram atualidade determinante para a escolha do tema desta tese.

No Magistério de Bento XVI analisaram-se as Encíclicas *Deus caritas est* e *Caritas in veritate*, que tratam do amor também com referência à sexualidade. No Magistério de Francisco, por ser ainda em aberto, delimitou-se a pesquisa no período que vai desde a sua eleição até a realização do Sínodo Extraordinário sobre a família. Analisaram-se, portanto, a Encíclica *Lumen fidei*, e, sobretudo a Exortação Apostólica *Evangelii gaudium*.

As reflexões sobre as virtudes teologais de Joseph Ratzinger contidas na obra “*Guardare Cristo*”, e os diálogos de Jorge Mario Bergoglio contidos na obra “*Il senso della Vita*”, possibilitaram-nos entender a influência destes textos na visão do amor em ambos os Magistérios. Face aos discursos, onde o tema do amor é abordado, ao menos indiretamente, em relação à sexualidade, e que tenha uma aplicação mais pastoral do que sistemática, estabeleceu-se também como critério de escolha que os respectivos destinatários, ao menos em tese, fossem os mesmos.

Desta forma, optou-se pelos discursos no Congresso Eclesial de Roma, tendo como destinatários os leigos e os sacerdotes; os

pronunciamentos na JMJ em Colônia e no Rio de Janeiro e, o discurso em São Paulo, tendo como destinatários os jovens; os pronunciamentos na Jornada Mundial das Famílias em Milão e no Sínodo Extraordinário sobre a família tendo como destinatárias as famílias. A escolha destes discursos possibilitou fazer uma análise das bases e das variações teóricas do Magistério de Bento XVI e de Francisco.

A partir do método ver-julgar-agir articulou-se a tese em quatro capítulos. No Capítulo primeiro, recolheu-se os elementos básicos sobre as raízes socioculturais, antropológico-filosóficas e teológico-eclesiais do amor. Para tal análise, serviu-se das contribuições de sociólogos, de momentos axiais da filosofia, da teologia católica e protestante, e das contribuições recentes do Magistério da Igreja. Embora se recorra às obras de pensadores, o objetivo não é fazer uma pesquisa aprofundada, mas apresentar um quadro amplo e sintético da temática para recolher os principais desafios teóricos face ao amor.

O diagnóstico dos sociólogos é de que se vive hoje um período de transformações da intimidade, de fragilidade dos vínculos humanos, de um normal caos do amor e de mudanças na concepção do homem contemporâneo. Segundo Anthony Giddens, as mudanças observadas indicam que o ser humano está em busca da sua identidade, que só é possível construí-la a partir da junção entre o corpo, a identidade de si e as regras sociais.

Por isso, o critério que atraía e que mantinha um relacionamento humano não depende mais de um amor associado ao matrimônio e à maternidade, mas da identificação projetiva do amor paixão. O amor *eros* tornou-se o fator determinante que atrai e que mantém o vínculo humano e, a falência do prazer tornou-se o sinal de que um relacionamento chegou ao fim. Para ajudar a pessoa envolvida a superar a dissolução do vínculo, embora ainda traumático, oferecem-se uma multiplicidade de terapias.

Na análise de Zygmunt Bauman, o relacionamento humano atual tornou-se frágil como o herói Ulrich, personagem do romance *O homem sem qualidade* de Roberto Musil, que não tendo qualidades próprias, herdadas ou adquiridas e incorporadas, teve que produzir por conta própria quaisquer qualidades que desejasse possuir. Nenhuma delas, no entanto, tinha a garantia de perdurar indefinitivamente num mundo repleto de sinais confusos, propenso a mudar com rapidez e de forma imprevisível.

Assim o cidadão atual – além do amor e do relacionamento - é inseguro, conflituoso, líquido e ambíguo: “que tipo de conselhos eles querem de verdade: como estabelecer um relacionamento ou – só por precaução – como rompê-lo sem dor e com a consciência limpa?” A hipótese de Bauman é que o relacionamento indesejável, mas impossível de romper, é que torna o “relacionar-se” a coisa mais traiçoeira que se possa imaginar.

A situação atual é interpretada por Ulrich e Elizabeth Beck como o normal caos do amor entre o peso avassalador que tem o discurso do amor e a dificuldade encontrada por todos de amar. Sua origem está no processo de “individualização”, que na “sociedade de risco” colocou os indivíduos fora dos quadros sociais. Entre eles, ainda na primeira Modernidade, se configuravam as suas escolhas de vida, como as estruturas integrativas da família e da parentela. Os indivíduos foram obrigados a darem-se individualmente as regras da sua vida, e os fracassos tornaram-se inevitáveis. Produziu-se mais liberdade, mas também riscos, conflitos e rompimentos novos.

Para Carmelo Carabetta, a sublimação e a desublimação do amor produziu a “cultura do narcisismo”, isto é, tornou frágil a identidade do homem contemporâneo. Em geral, o narcisista possui uma bagagem de informações sobre os atos sexuais, a biologia do sexo e a profilaxia das doenças venéreas, mas também uma ingenuidade infantil tanto no plano dos sentimentos como no enamoramento. Ele se polariza no “agora” do presente, gerando sintomas de patologia existencial, e possui uma aversão em assumir riscos, como, por exemplo, matrimônio e filhos.

Esse diagnóstico de mudanças exigiu também uma análise de suas raízes antropológico-filosóficas e teológico-eclesiais. Na filosofia grega, Platão tornou-se o primeiro a definir o amor *eros* como natureza híbrida, isto é, de natureza mortal e imortal, porque se apresenta como o intermediário que conecta o mundo humano e o mundo divino. Desta concepção do amor *eros* desenvolveram-se interpretações múltiplas e diferentes. Por muito tempo, a compreensão dos epicuristas e dos estoicos de que o *eros* é obstáculo à *ataraxia* (paz soberana) influenciou o modo de compreender e de viver o amor e a sexualidade.

Determinante ainda na “rejeição” do amor *eros* foi a sua substituição pelo amor *agape* na tradução da Setenta dos termos hebraicos que indicavam o amor religioso, que também incluía o amor sexual. Apesar do esforço de alguns Padres da Igreja em conjugar o amor *eros* e o amor *agape* em Deus e no ser humano, a interpretação teológica que predominou foi a de Agostinho, que distinguiu o amor verdadeiro, que aspira à eternidade, e o amor falso que se apega ao mundo. No ser humano, consequência do pecado original, a *concupiscentia carnis* apresenta um impulso para a desordem, para o caos e o mal, estando ligada à maldição da morte. Contudo, também nele opera uma força construtiva chamada de *concupiscentia caritatis*. Quando ele ama de modo autêntico, ama Deus nos seus atos de amor. Portanto, somente no amor (*caritas*), ele pode amar corretamente.

Essa distinção entre o amor de Deus (perfeito) e o amor humano (defeituoso) é assumida por Martinho Lutero, que ao confrontar o amor pagão (estar na natureza) com o amor cristão (estar na Graça), explicitou

que somente a obra de Cristo e a cruz pode reuni-los novamente, transformando assim o sujeito homem caído e imperfeito num agente do amor. Mesmo com a reflexão de alguns teólogos modernos, essa compreensão do amor é que vai predominar na Teologia Protestante.

Influenciado por Aristóteles, Tomás de Aquino afirmou que os seres humanos são criados para se tornarem amigos de Deus, e que o amor é a primeira entre as paixões, uma dimensão natural que nos empurra a buscar a união com o objeto desejado. Além de distinguir os graus do amor entre amizade e desejo, Tomás examinou a natureza mais plena do amor quando considera as três virtudes teológicas infusas por Deus nos seres humanos, pois a caridade, à diferença da fé e da esperança, importa certa união com Deus. Ele definiu a caridade como ato da vontade que Deus divide com o ser humano, cuja essência é o amor; afirmou ainda que a caridade exige uma resposta do ser humano que cresce em profundidade ou intensidade como amizade com Deus e com o próximo, a meta do amor.

Todavia, no período Medieval, sobressaiu a distinção entre amor físico, que sob a Graça era implantado no amor a Deus, ao próximo e a si mesmo, e amor extático, que exclui todo apetite egoístico e inclusive renuncia ao eu para perder-se no amado. Na mística francesa e também espanhola, apesar da distinção e das interpretações que exijam a completa aniquilação do amor próprio, surgiram tentativas de unir o amor natural e o amor espiritual. Diante do egocentrismo do Humanismo e a insistência do Barroco nas realidades deste mundo, a luta entre amor físico e amor extático originou a concepção de amor puro.

Na filosofia surgiram as noções de amor como reciprocidade que não anula a realidade individual e a autonomia dos seres, e como unidade absoluta ou infinita com o outro. Para Max Scheler, por exemplo, o sentido do amor consiste em não considerar nem tratar o outro como se fosse idêntico a si, mas em compreender uma outra individualidade de modo diferente da minha, no poder-me colocar no seu lugar. Por outro lado, Jean-Paul Sartre entendeu o amor como o projeto de fusão absoluta em dois infinitos que não podem excluir-se e contradizer-se. Porém, por colocar-se em conexão direta com a liberdade do outro, o amor é conflito e fracasso.

Na teologia moderna procurou-se sublinhar a verdadeira profundidade do amor e a radicalidade do amor cristão. Do lado protestante, Paul Tillich rejeita uma separação radical entre o amor humano e aquele divino e a repressão do *eros* no amor cristão. Do lado católico, Karl Rahner rejeita qualquer divisão do ser humano em amor corpóreo e amor espiritual. Embora permaneça o esquema medieval do amor físico e do amor extático nas controvérsias teológicas atuais, observaram-se indicativos de uma mudança de abordagem: o descobrimento de categorias genuinamente pessoais; o esclarecimento fenomenológico da essência do

amor em geral; uma elaboração mais séria do *kerigma* bíblico sobre o amor.

Dentre as contribuições eclesiais em âmbito católico destacou-se o Concílio Vaticano II. Além da compreensão de que Deus no seu grande amor fala aos homens como amigos e os convida à comunhão com Ele, o Concílio rejeitou o ordenamento hierárquico dos fins da sexualidade em termos de primário e secundário, e insistiu sobre sua adequada harmonia e integração. Tal orientação motivou o surgimento de uma nova valorização da dimensão pessoal da sexualidade humana e um novo princípio, o do Amor, para integrar as finalidades procriativas e unitivas da sexualidade no matrimônio.

Para o moralista Marciano Vidal, uma reorientação magisterial do Papa Paulo VI excluiu toda a ação no ato conjugal que o separe da procriação. Durante o pontificado de João Paulo II impediu-se a reflexão em torno de questões sérias como o programa de prevenção da pandemia da AIDS, a realização pessoal e direitos sociais das pessoas homossexuais, e a articulação do amor conjugal com a procriação responsável. Essa reorientação magisterial é uma das causas da discrepância entre os ensinamentos morais cristãos e a vida concreta dos fiéis.

No Capítulo segundo, apresentou-se o amor no Magistério do Papa Bento XVI. De tradição europeia, inserido num contexto teológico em renovação e numa realidade eclesial conturbada pelas aplicações conciliares, Ratzinger aderiu ao espírito de renovação da Igreja proposto pelo Concílio, mas sempre adotando uma hermenêutica de continuidade e não de ruptura com a grande Tradição da Igreja. A ideia de continuidade é também o critério que explica a relação entre a sua teologia e o seu Magistério: o Absoluto é o Deus dos homens, o Deus que em Jesus Cristo se doou totalmente para nós; a categoria de relação que tem como modelo a Santíssima Trindade; a centralidade das virtudes teologais; a constatação da existência hoje de uma ditadura do relativismo.

Para Bento XVI, o amor é um fenômeno humano e divino, os quais não se opõem, mas se exigem. Deus é *agape* e, ao mesmo tempo, *eros*; o homem por sua vez é *eros* e, ao mesmo tempo, destinado a ser *agape*, porque Deus por e para o amor o criou a sua imagem. Ele ainda rejeitou toda a tentativa de separar o amor humano do amor divino como uma tentativa de separar o homem de Deus. Como se o ser humano não fosse capaz de amar de maneira autêntica.

A essência do amor se compreende somente em Deus, porque Ele é Amor *Eros* totalmente *Agape*, “Amor eterno” e Verdade absoluta, que se manifestou na criação do ser humano e, na encarnação e na obra da redenção realizada por Jesus Cristo. A caridade na verdade presente na natureza humana e que em Jesus tornou-se o Rosto da Sua Pessoa impede os riscos do sentimentalismo, que torna o amor prisioneiro das emoções e

opiniões contingentes, e do fideísmo, que a priva de amplitude humana e universal.

Entretanto, a caridade na verdade apresenta a verdadeira natureza do homem, que é feito para o dom e para a relação, e que exprime e realiza a sua dimensão de transcendência. A natureza divina, que é Amor e que ofereceu a caridade na verdade como dom absolutamente gratuito, vive em pura relação, enquanto a natureza humana, criada para o amor, também é chamada a viver tal relação com os outros e com Deus.

No relacionar-se, o ser humano pode amadurecer no amor. Neste sentido, o amor *eros* é um caminho de abertura ao relacionamento e de doação ao outro até atingir o amor *agape*. Esse caminho do amor *eros* até o amor *agape*, que é o caminho para o eterno e o definitivo, ou seja, o caminho para Deus, exige ascese, renúncia, purificação e amadurecimento. Caso contrário, o amor *eros* será apenas passageiro, provisório e incompleto.

Desta maneira, o caminho de amadurecimento do *eros* é revelado em Jesus Cristo, que ao morrer na Cruz revelou que Deus é *Agape* e *Eros*, e revelou também a essência, a verdade e a autenticidade do amor. Além de *Logos* encarnado, Jesus é o amor encarnado que se torna alimento para nós, porque o seu amor oblato se atualiza na eucaristia (*agape* de Deus) de que o ser humano pode participar, comungando do seu corpo e sangue, tornando-se união com Ele e com todos.

Portanto, o amor *eros* entre um homem e uma mulher, que é inseguro, indeterminado e de caráter egoísta, ao se tornar um amor *agape*, que é descoberta do outro, doação de si, de caráter exclusivo e definitivo, é intrinsecamente universal, pois é união com o Divino. Através deste processo unificador, transforma-os em um nós, que supera todas as divisões e os faz ser um só, até que no fim, Deus seja “tudo em todos” (1Cor 15,28).

No Capítulo terceiro, apresentou-se o amor no Magistério do Papa Francisco. De formação jesuíta e inserido no contexto social, teológico e eclesial latino americano, Bergoglio tornou-se um bispo muito inserido na vida do seu povo. Sem dúvida, as suas ideias teológicas que influenciaram o seu Magistério são purificadas e amadurecidas no contato frequente com as pessoas: diálogo; autoreferencialidade e saída de si; proximidade e encontro; periferias geográficas, culturais e existenciais; verdade como encontro de amor, de bondade e de beleza; ditadura de uma economia sem rosto; etc.

A sua abordagem sobre o amor é mais pastoral do que especulativa, pois não parte das discussões filosóficas, antropológicas e teológicas, mas da realidade em que vive o rebanho que ele é chamado a ensinar e a conduzir como pastor. O amor surge de Deus e o Seu amor sempre nos precede e nos surpreende, pois na medida que nos deixamos amar por Ele, seremos capazes de transmitir esse amor aos outros. O amor de Deus não é

autoreferencial, mas é saída em busca do ser amado. Ele criou o ser humano a sua imagem e semelhança. Independentemente da sua condição, é amado por Ele, que nunca o abandona nem deixa de assisti-lo com a sua misericórdia.

Para Francisco, o amor é abertura e encontro com o outro. No encontro com Deus, o ser humano encontra o sentido de sua existência, porque o tira do centro de si mesmo para que Deus e os outros ocupem tal lugar. A “carne do teu irmão” que sofre é o lugar teológico para que o ser humano encontre “a carne de Deus” ou “a carne de Jesus”, e o lugar antropológico para que o ser humano encontre a sua própria carne. No encontro com o irmão encontra-se também Deus, e no encontro com Deus encontra-se também o irmão. Pois a proposta do Evangelho não consiste somente numa relação pessoal com Deus, mas abrange todos os homens e o homem todo.

Para construir a Civilização do amor, Francisco indicou o diálogo, o discernimento, a não domesticação das fronteiras, o amor fraterno, o saber escutar, o compreender, o perdoar, o acolher, o ajudar os demais, etc. Ele também insistiu na transmissão do núcleo do Evangelho, isto é, a verdade de Deus que é o Seu amor imenso manifestado em Jesus Cristo, que convida o ser humano a deixar-se amar por Deus e a amá-lo com o amor que Ele mesmo lhe comunica.

Desta forma, Francisco colocou no centro do anúncio cristão o amor de Deus, e não as acentuações doutrinárias e morais. Isso não significa que o primeiro anúncio seja destituído do apelo ao crescimento da fé, que deve desencadear um caminho de formação e de amadurecimento, mas que não pode ser interpretado, exclusiva ou prioritariamente, como formação doutrinal. Toda a iniciativa - educação e catequese - deve ajudar o ser humano a responder ao amor divino através do crescimento nas virtudes e no mandamento novo.

Além do acompanhamento, da escuta e da paciência, o itinerário apresentado por Francisco inclui a proximidade e o encontro com a pessoa, sobretudo aquela que está na periferia da existência e o anúncio do amor e da misericórdia de Deus que desperte a adesão do coração. Diante do ser humano ferido pelo pecado, ele quer atitude de Cristo que vai ao encontro da ovelha perdida; que vê, se aproxima e toma conta do homem machucado e caído na beira do caminho; que se aproxima e caminha com os discípulos de Emaús ajudando-lhes a entender as Escrituras, e a reconhecê-Lo no partir do pão; que dá de comer aos famintos e de beber aos que tem sede, que visita aquele que está preso, veste o que está nu e acolhe o peregrino.

Por fim, Francisco não ignora a influência que exerce na vivência do amor os fatores econômicos que geram uma compreensão do ser humano como um bem de consumo que se pode usar e depois lançar fora, no contexto do individualismo pós-moderno e globalizado. Este promove um

estilo de vida que debilita o desenvolvimento e a estabilidade dos vínculos entre as pessoas e distorce os vínculos familiares. Ele tem denunciado a idolatria do dinheiro e a ditadura de uma economia sem rosto.

No Capítulo quarto, de caráter mais conclusivo e propositivo, retomam-se os principais desafios teóricos do amor; analisam-se as bases teóricas comuns que fundamentam o amor e as variações teóricas em ambos os Magistérios; e, apresentam-se algumas fundamentais perspectivas teológico-éticas do amor e os seus significados para uma proposta cristã da sexualidade no Brasil.

Os principais desafios teóricos do amor resumem-se ao predomínio do amor *eros* nos relacionamentos humanos dissociado do amor *agape* por causa, sobretudo, da compreensão inicial de que a natureza pecaminosa do homem corrompeu o amor natural. Essa ruptura do amor humano com o divino fez com que o homem construísse a si mesmo sem uma referência aos valores transcendentais. O amor, a sexualidade e o matrimônio passaram a ser interpretados como construções sociais que mudam conforme as necessidades individuais. Desta maneira, o amor passa a ser definido pelo próprio indivíduo não somente como heterossexual ou como monogâmico, mas também como homossexual ou como poligâmico.

No entanto, o amor no Magistério de Bento XVI e de Francisco é compreendido e vivido a partir da relação entre Deus e o homem, amor humano e divino, que em Jesus Cristo, homem e Deus, revelou-se de maneira radical e perfeita. Bento XVI ressalta que é no alto da cruz que a verdade do amor é contemplada e compreendida, mas que se atualiza na Eucaristia. Para Francisco, a centralidade do Evangelho é a manifestação do amor imenso de Deus em Jesus Cristo morto e ressuscitado. Ele não relativiza a Eucaristia, mas acentua que tal amor se atualiza na “carne do teu irmão”, que é a “carne de Deus” e a “carne de Jesus”.

No Magistério de Bento XVI, Deus é um mistério de Amor, que se revela como trinitário e como relação. Em Deus, o amor é uma única realidade, embora com distintas dimensões; tudo é uno na dinâmica complexa das relações: atração, alegria, escolha, oferta e dedicação de si mesmo. Além de fonte originária de todo o ser, Deus é um amante com toda a paixão de um verdadeiro amor, ou seja, é *eros* e *agape* ao mesmo tempo. Desta compreensão da natureza divina é que se pode compreender também a natureza humana, constituída de corpo e alma e, da mesma dinâmica do amor como *eros* destinado ao *agape*.

Embora não tenha uma sistematização, Francisco ressalta as dimensões do amor em Deus como busca do ser amado e como surpresa. Deus é o primeiro sempre e sempre uma surpresa, não se cansa de perdoar, está presente na vida de toda a pessoa e a acompanha, entra no sofrimento, dá força para leva-lo, entra na morte para derrota-la e nos salvar. Ele tem destacado a primazia do amor *agape*, certamente por causa do predomínio

do amor *eros* na compreensão e na vivência da sexualidade no mundo atual.

Do Magistério de Bento XVI e de Francisco apresentam-se também as variações teóricas, que não se referem às verdades de fé e da moral, mas à abordagem que cada um adotou para responder aos problemas emergentes nos respectivos pontificados. Enquanto que para Bento XVI a fundamentação da verdade através da razão e da fé é a resposta ao niilismo contemporâneo e à cultura do relativismo, para Francisco é mergulhando na realidade do ser humano e do mundo que a verdade de Deus é melhor compreendida e vivida.

Para Bento XVI, as verdades são compreendidas e explicitadas como certezas absolutas; o anúncio não pode descurar da transmissão da Doutrina da Igreja; o encontro com Jesus Cristo é prévio às obrigações morais, mas os mandamentos constituem impulsos internos vigorosos, e quem os observa está no caminho de Deus. Para Francisco, as verdades são compreendidas e explicitadas não como certezas absolutas, porque sempre resta uma zona de incerteza; a evangelização da Igreja deve começar com o anúncio do núcleo do evangelho, o amor de Deus manifestado na morte e na ressurreição de Jesus Cristo, que é prévio à obrigação moral e religiosa. Enquanto Bento XVI fundamentou o modo de viver o amor e a sexualidade na prática dos mandamentos e da castidade, Francisco fundamentou-o na vivência cristã das virtudes teologais, a fé, a esperança e o amor.

O amor no Magistério de Bento XVI e de Francisco inspiram fundamentais perspectivas teológico-éticas para uma proposta cristã da sexualidade no Brasil. Apesar das mudanças da intimidade, das fragilidades dos vínculos humanos, do normal caos do amor e da cultura do narcisismo presentes no mundo ocidental, constata-se atualmente uma dicotomia no Brasil em termos de mentalidade sexual: a dos que têm uma visão mais liberal sobre o sexo (os formadores de opinião) e, a dos conservadores (as pessoas de escolaridade mais baixa).

Essa mudança cultural que abalou os valores de uma cultura anterior, gerou uma reação crítica por parte da CNBB, que apontou como causas dela os meios de comunicação e o consumismo que determinam os padrões de comportamento, que tanto desgastam os valores tradicionais, quanto geram novos valores ou pseudo-valores de vida e convivência. Por um lado, ela defendeu uma pastoral do amor misericordioso em relação às famílias incompletas e dos divorciados e/ou desquitados que se casam de novo. Por outro lado, no Diretório da Pastoral Familiar, apresentou uma visão da sexualidade muito atrelada à procriação, em detrimento de um sadio erotismo.

Atualmente, a CNBB pretende desenvolver um programa de educação para o amor que integre a sexualidade em um projeto mais amplo de crescimento e maturidade no qual ela seja baseada na liberdade e não no

medo, mas não faz concessões a entendimentos que estão na contra mão dos valores do Evangelho como legalização do aborto, das uniões homossexuais, etc. Recentemente, a CNBB se manifestou contrária à tentativa de inclusão da ideologia de gênero nos Planos Estaduais e Municipais de Educação.

Diante desta realidade em transformação, a CNBB propõe também uma transformação dos caminhos, instrumentos e métodos, pelos quais passa a ação evangelizadora na transmissão e sustentação da fé. Ela quer ultrapassar uma pastoral de mera conservação para assumir uma pastoral missionária. Neste objetivo da CNBB, essa pesquisa pode contribuir indicando algumas fundamentais perspectivas teológico-éticas para uma proposta cristã da sexualidade no Brasil.

A primeira perspectiva é apresentar o discurso do amor sempre em relação ao Transcendente, isto é, que o amor humano origina-se e se alimenta do Amor divino. O anúncio e o ensinamento cristão, sobretudo em relação à sexualidade, tem como fundamento o amor de Deus, pois no encontro com o amor de Deus o ser humano é capaz de amar adequadamente. Desta forma, qualquer proposta cristã da sexualidade deve ajudar o ser humano a sentir-se amado por Deus.

A segunda perspectiva é a compreensão do amor como relação, isto é, como abertura, saída de si, êxodo, encontro, doação de si e união com o outro, a exemplo da Santíssima Trindade, uma vez que o fechamento em si mesmo, ou autoreferencialidade, empobrece e esvazia de sentido a própria vida. A categoria de relação pode ajudar a vencer os julgamentos, preconceitos e rejeições que nos separam dos outros. Nada justifica o fechar-se ao outro com um catálogo de pecados nas mãos, porque essa atitude destrói pontes e constrói muros.

A terceira perspectiva é a compreensão do amor como *eros* e *agape*. No caminho de integração do amor *eros* e *agape*, sobretudo antes e depois do casamento, não se pode renunciar ou negar o prazer no relacionamento entre o homem e a mulher. Neste sentido, a Igreja precisa ouvir mais os cônjuges e os namorados para descobrir novas formas de integração do amor *eros* e *agape* nos seus relacionamentos. Essa mesma atitude exige-se em relação aos casais de homossexuais. Mesmo não concordando com a prática da homossexualidade e com uma nova visão antropológica, a Igreja precisa ajudá-los a buscar novas formas de integração do amor *eros* e do *agape*, conforme à realidade em que eles vivem.

A quarta perspectiva, como resposta imediata da Igreja diante dos novos modos de integração do amor *eros* e *agape* e dos novos vínculos afetivos, é a compreensão do amor como misericórdia ou como ternura. Para ajudar o ser humano, sobretudo aquele que fracassou, feriu-se e pecou, na vivência cristã do amor e da sexualidade não é mais suficiente reafirmar a Doutrina, a lei e os mandamentos. A atitude evangélica é oferecer à

pessoa o amor como misericórdia para que ela possa fazer a experiência do amor credível, humano e, ao mesmo tempo, divino. Nesta tarefa exige-se humildade, ternura e paciência.

A quinta perspectiva é a compreensão do amor como cuidado do outro. O paradigma do samaritano, isto é, de Jesus Cristo é o modelo a ser imitado. Além disso, o samaritano, marginalizado ou desprezado, retrata o homem contemporâneo, que não é destituído de bondade ou de amor. Ele compreende a situação, se aproxima do ferido, sofre com ele e toma as medidas necessárias para aliviar-lhe o sofrimento. O ferido à beira do caminho, paradigma do homem fragmentado, narcisista, líquido, perverso, egoísta e desorientado, é o próximo de quem devo me aproximar, ter compaixão, cuidar das feridas, levar até o hospital e me ocupar dele.

A sexta perspectiva é a compreensão do amor como gratuidade, presente como dom na natureza do ser humano. Independentemente da situação em que a pessoa se encontra, o amor oferecido e recebido gratuitamente é capaz de provocar uma grande revolução na vida de quem recebe, na vida de quem oferece e, conseqüentemente, na vida do mundo. O amor não tem preço, mas tem um valor que vai além da medida humana, porque ele se origina de Deus que o ofereceu gratuitamente à humanidade.

Enfim, esta pesquisa deseja contribuir para que diminua o fosso existente entre os ensinamentos morais da Igreja e a compreensão e a vivência do amor e da sexualidade pela maioria dos fiéis. Trata-se de uma das primeiras tentativas de analisar as bases, as variações teóricas e as perspectivas teológico-éticas do amor no Magistério de Bento XVI e de Francisco. Se alguma pretensão ela pode ter, é a de motivar o surgimento de outros estudos do amor em referência à sexualidade no Magistério da Igreja Contemporânea. O Sínodo Ordinário sobre a família, recentemente realizado, indica que o caminho continua, e novas perspectivas surgem do cuidado pastoral e da reflexão evangélica, confiados pelo Senhor aos seus discípulos.

Ringraziamento

Ringrazio a Dio Amore, alla Madonna, alla Chiesa, ai Papi Benedetto XVI e Francesco, all'Accademia Alfonsiana, ai Professori, soprattutto Sabatino Majorano, Márcio Fabri dos Anjos e Antonio Gerardo Fidalgo, per la grazia di approfondire il mistero dell'Amore Divino che si rivela nell'amore umano. Ai miei genitori, Antonio (in memoriam) e Darci Guzi de Conto, e ai miei fratelli, che mi hanno amato e educato nell'amore cristiano, eterna gratitudine.

All'Arcidiocesi di Cascavel, nella persona di sua Eccellenza Monsignore Mauro Aparecido dos Santos, All'Arcivescovo emerito, Monsignore Lúcio Ignácio Baumgaertner, così come a tutto il Presbitero dell'Arcidiocesi, soprattutto ai sacerdoti della Cattedrale Nossa Senhora Aparecida, qui rappresentato da Don Reginei José Modolo. Alla Faculdade Missioneira do Paraná, dov'ero insegnante, nella persona del suo direttore Don Adimir Mazzali.

Al Pontificio Collegio Pio Brasiliano, nella persona del Rettore, Don Geraldo dos Reis Maia ed equipe di direzione, Don Domingos Barbosa Filho, Don Olindo Furnaletto e Don Antonio Reges Brasil, le Suore della Congregazione dell'Amore Divino e, a tutti gli studenti sacerdoti, al bibliotecario Juarez Dutra Nicacio, ringrazio per la generosa accoglienza, amicizia e costante aiuto durante i miei studi a Roma.

A coloro che mi hanno permesso di approfondire questo progetto, i cattolici della Germania, attraverso ADVENIAT, alla Cappellania delle Suore Figlie di Nostra Signora del Monte Calvario e partecipanti laici, il Parroco Don Marcello Miele e alla comunità della Parrocchia di Santa Maria Bertilla che mi ha accolto per lavoro pastorale, agli amici in Brasile – a tutti, grazie per la fiducia e la generosità del sostegno, che spero di ricambiare attraverso il servizio da rendere alla Chiesa, popolo di Dio.